

## **EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DO ENSINO BÁSICO ACERCA DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Fernanda Inocêncio – Universidade do Estado da Bahia (Campus X), inocencio\_f@hotmail.com

Kaique Neves - Universidade do Estado da Bahia (Campus X), kaiquetf@gmail.com

Karine Takahashi - Universidade do Estado da Bahia (Campus X), karine.takahashi@hotmail.com

### **RESUMO**

*Este artigo pretende analisar as expectativas construídas pelos alunos do sexto ano do ensino fundamental e do primeiro ano do ensino médio, observando a forma como recebem a disciplina de língua inglesa, o que esperam aprender dela e os planos de aplicabilidade sustentados pelas suas perspectivas para o futuro. A pesquisa se justifica ao mostrar o aluno como protagonista do próprio processo de ensino-aprendizagem. É importante voltar os olhos para a forma como tem se dado o processo e desenvolver melhorias, afinal, é o aluno quem colhe os resultados. Para os pesquisadores, é importante analisar a particularidade demonstrada por cada um para, então, possibilitar o entendimento do sucesso ou insucesso da captação do assunto ensinado. No desenvolvimento deste trabalho, foram aplicados dois questionários aos alunos: um a dezesseis alunos do sexto ano do ensino fundamental e outro a doze estudantes do primeiro ano do ensino médio, considerando o contexto da escola, a relação do aluno com o idioma e se planejam utilizar a língua inglesa futuramente. Após análise dos dados e discussão embasada em referencial teórico, os resultados obtidos sugerem que o contexto escolar, bem como realidade social contribuem para eficácia do ensino de língua inglesa no país, atraindo um olhar para o principal participante desse processo: o aprendiz.*

**Palavras-chave:** Expectativas; Perspectivas; Língua Inglesa.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente estudo buscou, primordialmente, conhecer as expectativas para a aprendizagem possuídas pelo aluno do sexto ano do ensino fundamental e as perspectivas para uso da língua inglesa projetadas pelo estudante do primeiro ano do ensino médio. Pretendeu-se, ainda, possibilitar o conhecimento de alguns dos motivos que podem levar ao sucesso ou fracasso dos alunos que já carregam alguns anos de estudo da língua inglesa no currículo. Nesse quesito, Costa (1987, p.

14), afirma que “é por meio da aprendizagem significativa que o sujeito terá mais impulso em ir à busca do conhecimento ao qual se deseja alcançar”.

O estudo teve por objetivo primordial o de entrar diretamente em contato com a realidade e os atores envolvidos no contexto de ensino. O anseio do aluno, suas respectivas dificuldades e sua visão acerca da escola servem de norte para a pesquisa e nos motiva a entender sua compreensão de perspectiva acerca da língua e do futuro a partir de sua aprendizagem. Acerca disso, Rajagopalan (2003, p. 70) declara que “o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”.

## **2. PRESSUPOSTO TEÓRICO**

Ao analisar a realidade de ensino de língua a partir de uma característica particular, este estudo se sustenta em autores como Leffa (2011), Rajagopalan (2003) que, ao discutirem sobre o ensino de língua inglesa, nos auxiliam na distinção entre aprendizagem e aquisição, realidade e contexto social, características de essencial importância no aprendizado dos estudantes. Sendo assim, explica Leffa (2011):

O pressuposto, por exemplo, de que a língua é uma resposta automática a um estímulo e de que a aprendizagem se dá pela automatização dessas respostas vai gerar uma determinada abordagem para o ensino de línguas - que será diferente da abordagem gerada pela crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem se dá pela internalização das regras que geram essa atividade.

Levantando um questionamento acerca da funcionalidade do ensino do idioma nas escolas públicas, Leffa (2011) estabelece um argumento para justificar a ineficácia do ensino de língua nas escolas nacionais. Nomeados “bodes expiatórios” pelo autor, os considerados “culpados” são, por vezes, margeados em função do fracasso da língua estrangeira na escola. O autor aponta tais “bodes” como: o governo - que leva a culpa por não cumprir as leis que cria -, o professor – que não tem conhecimento suficiente para ensinar a matéria, ou o aluno – que, no meio de

um percurso conturbado, perde o interesse e não estuda. Em contrapartida, é mais interessante preocupar-se com a resolução de tal problemática no quesito ensino-aprendizado, e, além disso, iniciar uma busca por tais soluções. “Condenar tem sido a estratégia menos eficaz, cria o conflito sem resolvê-lo e tudo acaba ficando por isso mesmo” (LEFFA, 2011, p. 31). Para tanto, o autor propõe ações que podem levar ao sucesso das instituições públicas: A criação de parcerias entre professores e alunos, o estabelecimento de objetivos almejados em comum, e a busca dos meios que levarão ao alcance de tais objetivos.

Lançando mão de questões que emperram o ensino de língua no país atualmente, Bastos (2010) introduz uma diferente abordagem para explicar a dificuldade de prover um ensino satisfatório ao longo dos anos. O descrédito do nosso país por outras línguas tem sido um fator primordial para a dificuldade de espraio de uma língua estrangeira. Mesmo assim, o inglês faz parte de nossa realidade e, categoricamente, tem o seu espaço. A indústria cultural e digital contribuiu para o rápido crescimento da língua no país. Assim sendo, o mesmo precisa ser ensinado como língua estrangeira. “O ensino de diversas línguas estrangeiras deve ser realizado de forma crítica, baseando-se na história de cada povo, inclusive o nativo, e no relativismo cultural”. (PAIVA, 2010).

Sendo assim, algumas outras dificuldades podem acontecer no ensino: uma carga horária reduzida, juntamente com um elevado número de alunos na sala de aula e alunos com níveis diferentes de proficiência na mesma sala (LIMA, 2013) podem configurar uma mistura de fatores que influenciam na falta do desenvolvimento do ensino-aprendizado.

A partir desse quadro, observa-se a necessidade de pesquisas, projetos e olhares cada vez mais atentos às políticas de ensino de língua estrangeira, às necessidades específicas de cada turma e aluno, dentro das suas singularidades sociais e das situações das escolas. Assim, será possível alcançar uma educação efetiva e uma aprendizagem embasada em qualidade.

### **3. ANÁLISE DOS DADOS SOBRE O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Com o intuito de conhecer as expectativas dos alunos em seus primeiros passos na língua inglesa, foi aplicado um questionário ao sexto ano do ensino fundamental que visou, preferencialmente, considerar a ótica do estudante no que tange a sua compreensão da língua, sua relação com a mesma e com o ambiente escolar, com o material didático e com o professor, assim como os métodos utilizados por ele para ministrar a aula. Ainda, considerou-se como o idioma está presente no cotidiano dos alunos seja através de jogos, *vlogs*, filmes, *sites*, quadrinhos, livros e/ou televisão. Ao fim, o aluno teve espaço para relatar de que forma enxergava o papel da língua no seu futuro.

Um fator que pode comprometer o modo como o estudante encara tal aprendizagem, é a faixa etária em que se encontram, a puberdade. Sendo uma fase transitória, é tida como mais crítica ou sensível para a aquisição de um segundo idioma, enquanto a fase que precede a mesma, seria mais ideal para a aprendizagem.

Além disso, outro fator que pode comprometer a aprendizagem do estudante, é que muitas vezes o ensino parece não levar em conta a idade do aluno, haja vista que o professor o trata como se o mesmo tivesse uma idade superior à que ele tem, afetando o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que não está adequado à sua conjuntura no momento. Segundo Macowski (1993) apud Rocha (2008), “o desconhecimento por parte dos professores em relação aos alunos e às mudanças e complexidades desta faixa etária dificultam a relação entre eles, visto que muitos professores não sabem lidar com esses alunos”.

Tomando como base as respostas obtidas através da aplicação dos questionários aos alunos, buscou-se, inicialmente, entender a sua relação com a língua inglesa e quais suas expectativas acerca da mesma. No que concerne à compreensão da língua, das 16 respostas obtidas, 14 confirmaram a sua ocorrência. Já sobre sua relação com o inglês, o retorno foi um pouco mais diversificado. Como visto no gráfico:

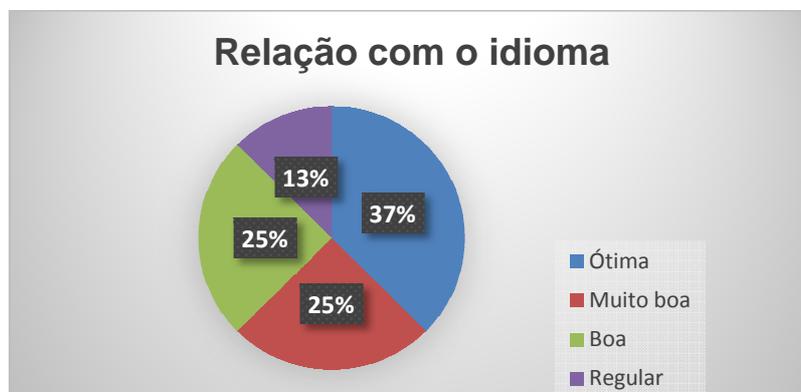


Figura 1

Ao contrário do esperado pelos pesquisadores, de que os alunos não demonstrariam interesse pela aprendizagem, muitos deles apresentaram gosto pelo idioma, enquanto apenas dois classificaram tal relação como regular. Em seguida, quando perguntados sobre a forma que veem a sua escola, a maior parte respondeu positivamente, assim como as aulas de inglês e seus respectivos professores. Porém, quando indagados sobre a situação das salas de aula e o material didático, eles demonstraram algumas respostas negativas.

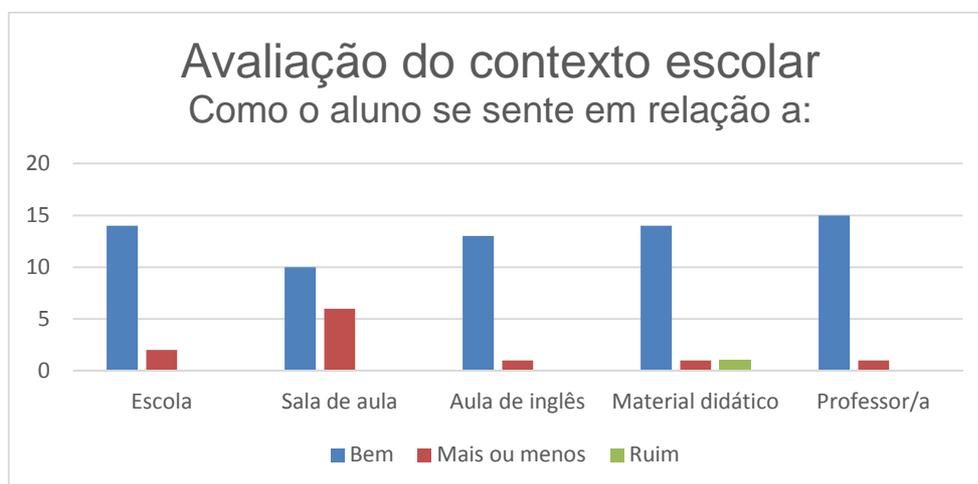


Figura 2

Uma das problemáticas que circundam a atual conjuntura do ensino-aprendizagem de língua inglesa no Brasil é que o nível da disciplina nos materiais didáticos é muito elevado para a realidade de alunos que, normalmente, nunca viram a língua inglesa antes de ingressarem no sexto ano do ensino fundamental.

Também, vale lembrar que as salas de aula não possuem uma ambientação favorável para que não haja barreiras para a aprendizagem.

A respeito dos meios utilizados para o ensino, a maioria dos estudantes declarou que os professores se concentram em leitura de textos e traduções, explicações dos assuntos (gramática, menção a vocabulários específicos, uso do livro didático, etc.) e conversação em sala. Não há, frequentemente, o uso de mídias porque a escola não dispõe de ferramentas, assim como o desenvolvimento de projetos também é escasso. Entretanto, apesar de não haver meios midiáticos disponíveis na escola, os alunos buscam externamente outras formas para manterem o contato com o idioma.

No tocante à presença da língua inglesa no cotidiano dos alunos, a maior parte usa a língua através de jogos, *vlogs* no *YouTube*, filmes e, em última instância, através de *sites*, quadrinhos, livros ou televisão.

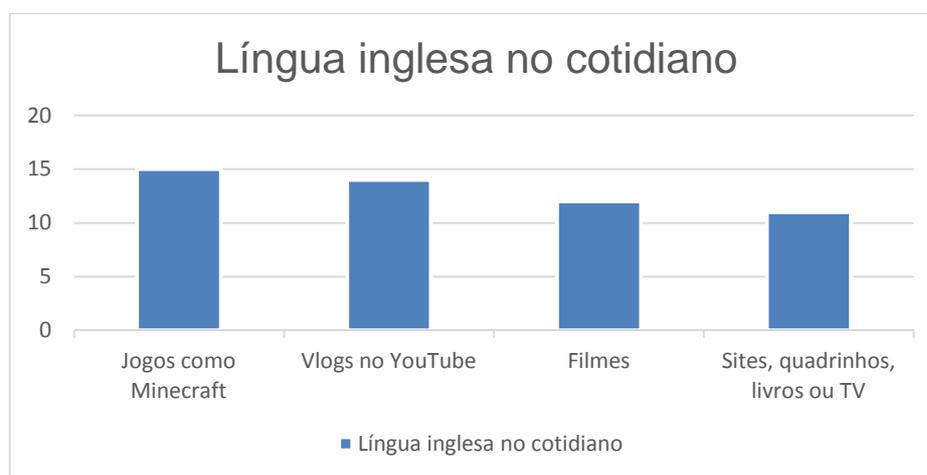


Figura 3

Estando inseridos em uma era tecnológica, torna-se compreensível o acesso que os pré-adolescentes têm com a língua inglesa. Nas ruas, em roupas, televisão e, principalmente, na internet, a enxurrada dos vocábulos estrangeiros é intensa, o que facilita a absorção dos termos e o desenvolvimento linguístico.

Por fim, o último ponto observado foi a visão do aluno acerca das expectativas de uso da língua no futuro, cuja ótica positiva foi expressada pelos mesmos. Quando abordada a área em que mais esperam utilizá-la, os estudantes

responderam que seria no trabalho, como administradores, jogadores de futebol ou, ainda, como forma de melhoria da qualidade de vida familiar. Em segundo lugar, citaram a comunicação como forma de aplicação da língua, em conversações ou em viagens. Em último lugar, pretendem usá-la em estudos e enquanto navegam na internet.

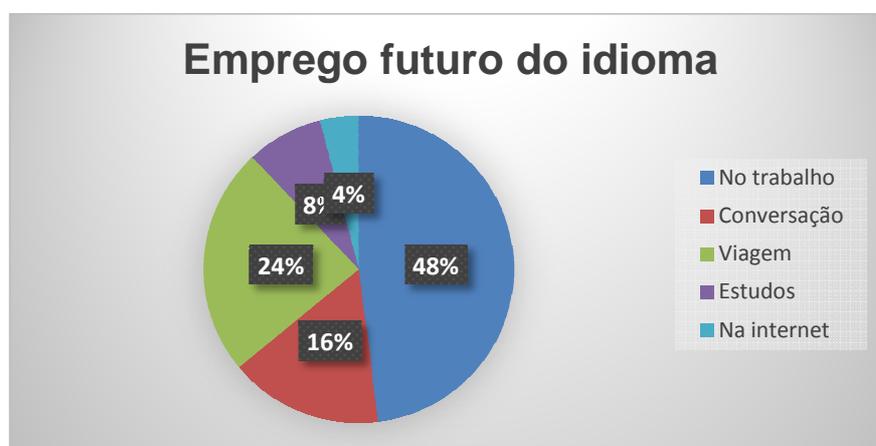


Figura 4

#### 4. ANÁLISE DE DADOS SOBRE O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Usando como base uma pesquisa por amostragem, foi aplicado, também, um questionário ao primeiro ano do ensino médio, com intuito de descobrir quais são as perspectivas para aplicabilidade da língua inglesa na vida de alunos, que já se encontram no caminho para a jornada profissional e formação escolar. Foi considerado o alcance das expectativas construídas durante o ensino fundamental, além de levar em conta se o conhecimento obtido durante o mesmo foi suficiente para as exigências do ensino médio. Foi avaliado, também, o contexto escolar, as relações que os alunos mantêm com a língua inglesa e como a utilizam no presente, e/ou como almejam aplicá-la no futuro.

Passada a primeira questão, na segunda, que relaciona a bagagem cultural do inglês atual ao aprendizado proveniente do ensino fundamental, sete, dos doze alunos responderam que o inglês ministrado na fase anterior foi aquém do

necessário para atender às exigências requeridas no ensino médio. As razões para estas respostas envolvem vários fatores no processo de ensino-aprendizado:

Apesar de reconhecerem a importância de saber inglês nos dias atuais, e acreditarem na sua importância quando da disputa de melhores empregos, os alunos tratam o ensino de Língua Inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa, na maioria das vezes, a indisciplina em salas de aula com o número de alunos acima do ideal para aprender um novo idioma. Este processo cíclico causa o estresse do professor, mais indisciplina, mais indiferença e obviamente, a frustração final do processo (GIMENEZ; PERIN e SOUZA, 2003, p. 172).

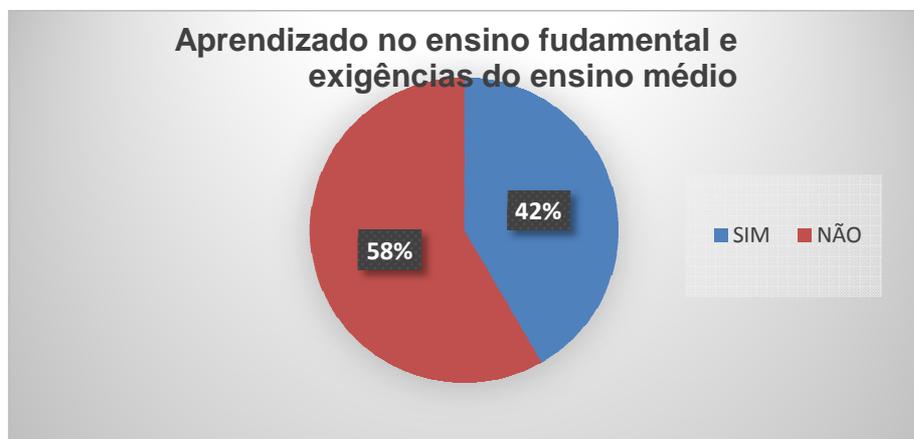


Figura 5

A terceira questão contempla a relação do aluno com a língua inglesa. A maior parte respondeu que mantém um bom contato e, o segundo maior grupo declarou possuir uma conexão regular com a mesma. Ao questionar a afinidade do estudante com a língua inglesa, o artigo buscou verificar se, no decorrer do processo de aprendizagem, o mesmo desenvolveu alguma conexão com o idioma. Assim, ressalta-se que apenas uma pessoa declarou obter uma ótima ligação. Isso pode significar que a atual conjuntura do ensino do inglês na educação básica, deixa muito a desejar e, talvez, apenas aqueles que buscam aprendê-lo externamente, alcançam seus objetivos satisfatoriamente, entrar no ensino médio com todas as habilidades propostas pelos PCN's cumpridas.



*Figura 6*

A descrição de tal relação é efetivamente importante, afinal, o adolescente ainda se encontra em fase de mudança e transição, tanto física quanto psicológica, influenciando, portanto, no processo de aprendizagem, tanto quanto em suas expectativas.

Devido ao processo de desenvolvimento sofrido pelos adolescentes, quando as preocupações, inseguranças e pressões são mais recorrentes que a confiança, questões como auto-estima, auto-confiança e auto-eficácia tornam-se importante (HAGEMeyer, 2008, p.144).

A quarta questão que, assim como no questionário do sexto ano, teve a intenção de avaliar o contexto escolar, recebeu respostas semelhantes sobre a realidade enfrentada pelos alunos. No geral, a maioria declarou que o elo estabelecido entre os estudantes e a escola é mediano ou bom. Apesar dos meios utilizados pelo professor para o ensino, consta nas réplicas dos questionários que o docente utiliza mais frequentemente a leitura e tradução dos textos – como no método tradicional – mas, além disso, há aulas ministradas através de desenvolvimento de projetos, com usos de mídias, explicação dos conteúdos e, em última instância, a conversação em sala de aula.

A fim de conhecer os meios através dos quais a língua inglesa se faz presente no cotidiano dos alunos, de forma alheia ao ambiente escolar, foi utilizada uma questão que considerasse tais elementos. Como prevalência, foram citados jogos e músicas e, depois, filmes e séries e, por último, trouxeram a internet e televisão. Como segue no gráfico:

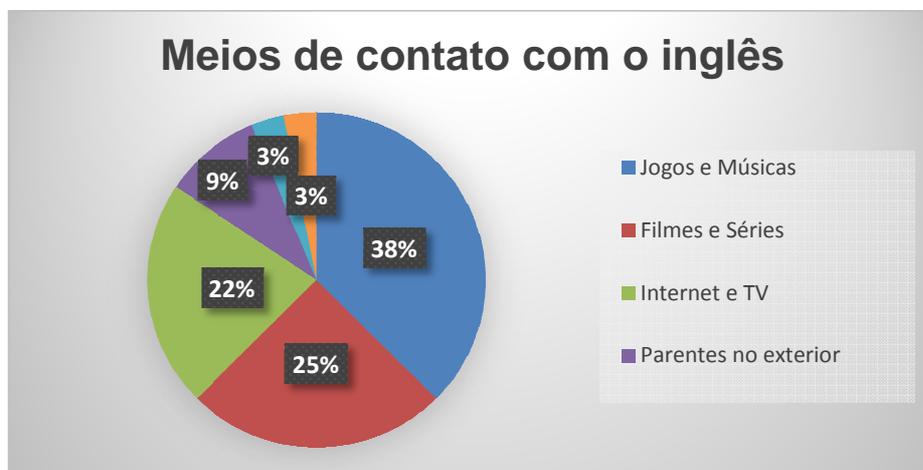


Figura 7

Como já declarado anteriormente, uma das propostas da pesquisa foi a de expor as expectativas construídas pelos alunos do ensino médio acerca das possíveis aplicações que podem dar à língua inglesa num futuro próximo. O que se percebeu ao analisar tais dados foi o de que metade dos entrevistados declarou não possuir interesse em utilizar o idioma no futuro, significando, dentre outras coisas, a perspectiva de que boa parte das expectativas de aprendizagem construídas pelos alunos durante o ensino fundamental gerou certa frustração por parte dos estudantes. Entretanto, destoando da grande parte, alguns dos estudantes esperam utilizar o idioma através de estudos na medicina, na engenharia, tecnologia militar, e ainda, trabalhando em multinacionais ou empresas. O gráfico a seguir confirma algumas das respostas trazidas pelos alunos:

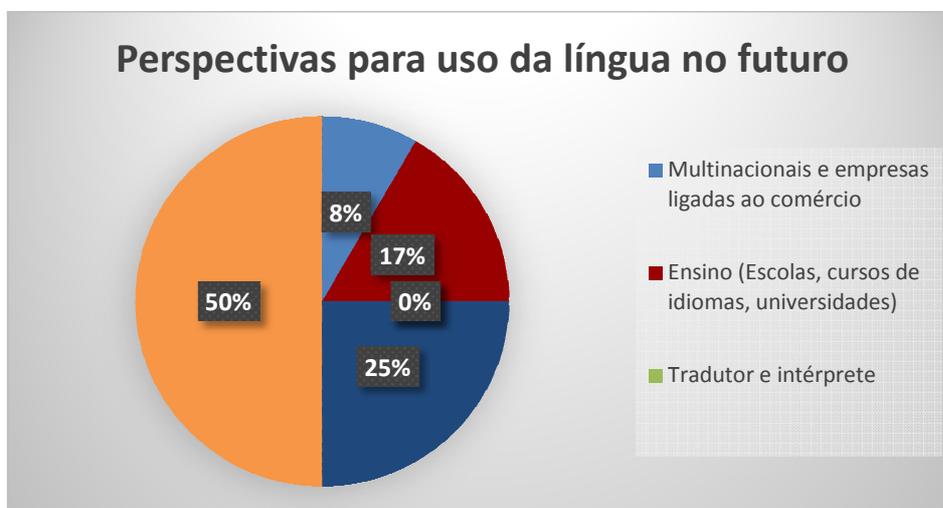


Figura 8

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A língua inglesa, assim como as demais línguas, participa do processo de comunicação, da transformação cultural e da construção do cidadão enquanto ser humano ciente e crítico. As expectativas sempre fizeram parte da realidade escolar, principalmente tratando-se de algo completamente novo, como a cultura e o processo de aprendizado de um novo idioma. Neste sentido, a realidade escolar, aliada a políticas de ensino, deve, primordialmente, promover experiências no sentido de desenvolvimento do adolescente, no que tange ao seu potencial e liberdade de expressão.

O presente estudo teve como maior objetivo entender como as expectativas dos estudantes em relação à língua inglesa variam ao longo dos anos e como os fatores externos podem contribuir para tais mudanças em cada contexto, seja no fundamental ou médio. A relação da realidade e conjuntura escolar presente na pesquisa podem contribuir para reflexão e discussão do ensino da língua. Dessa forma, os dados obtidos revelam o caráter espúrio do ensino, que feito de forma margeada, negligente e ineficaz, não gerando reflexão nos estudantes e, além disso, destoando do conceito de aprendizagem, afinal, o aluno não cria projeção, esquecendo-se constantemente do que é ensinado, bem como, criando questionamentos acerca da necessidade de utilização de outra língua no futuro.

As expectativas presentes nos estudantes do ensino fundamental são expressivamente pautadas no novo, na necessidade de aprendizado e desejo de conhecimento, afinal, todos os estudantes que responderam a questão tiveram o seu primeiro contato no início do ano letivo. Entretanto, no primeiro ano do ensino médio, a realidade escolar é um fator de contribuição para o distanciamento dos estudantes que já conhecem a língua em razão de anos anteriores.

Os professores entrevistados, mesmo inseridos em um complexo sistema de ensino, tendo a disposição poucos meios e uma estrutura que por vezes não contribuem para o sucesso do ensino aprendido demonstraram, por meio das respostas, disposição em contribuir para continuação de boas expectativas para os

estudantes. Sendo assim, os professores são, também, figuras importantes para continuarem transformando a realidade de ensino.

## 7. REFERÊNCIAS

COSTA, Daniel. N. M. **Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau.** São Paulo: EPU EDUC, 1987.

GIMENEZ, Telma N.; PERIN Jussara O. R.; SOUZA, Marisa M. **Ensino de inglês em escolas públicas:** o que pensam pais, alunos e profissionais da educação. Disponível em: <<http://ppgi.posgrad.ufsc.br/files/2014/06/REAA-37-7.pdf>> Acesso em 13 de maio de 2016.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas.** São Paulo: Parábola, 2011.

LIMA, Diógenes C. **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

ROCHA, Cláudia H.; BASSO, Edcleia A. org. **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades:** reflexões para professores e formadores. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

SANTOS, Jovenice F. **Desmitificando a monografia.** Salvador: EDUNEB, 2012.

ZOLNIER, Maria da Conceição A. P. **Língua inglesa:** expectativas e crenças de alunos e de uma professora do ensino fundamental / Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.